

Opção pela liberdade

O GLOBO

MOZART AMARAL

No momento em que o País se prepara para importantíssima eleição, é importante que os representantes de todos os setores da população exponham suas teses, seus pensamentos, para que o Brasil do futuro seja o melhor possível.

Como empresário, somos defensores da economia de mercado, o que não chega a ser novidade, pois na economia fechada a livre iniciativa não existe ou então se limita a microempresas, impedidas por lei de crescerem, ou seja, não podem dar certo.

Mas a opinião pública, formada por trabalhadores e suas famílias e por milhões de pequenos empresários em todo o País, precisa receber uma mensagem em favor das posições ligadas ao livre mercado.

Freqüentemente, alguém comenta que vai votar contra o **status quo** porque tudo "que está aí" está dando errado. Sem dúvida, o sistema econômico, ao mesmo tempo em que permitiu ao País alcançar posições de liderança no Mundo — seja na produção de aço, de automóveis, no saldo comercial, na modernização de boa parte de sua indústria e comércio — tem ainda uma grande dívida social a eliminar.

Mas o que nós, defensores da economia de mercado, desejamos provar aos milhões de eleitores é que a opção deve ser uma economia livre melhorada, aperfeiçoada, um capitalismo lúcido, com sólida preocupação so-

cial e não um socialismo antiquado, com centenas de estatais se mantendo artificialmente, pagando salários por pagar, sem ter maior relação com a concorrência, com a salutar competição.

Um conhecido político afirma que, se o socialismo é a melhor forma de distribuir riquezas, o capitalismo é o meio mais eficaz de gerá-las. Portanto, a saída para os problemas brasileiros não está na socialização da pobreza — tendo em vista a incapacidade do socialismo de gerar riquezas —, mas na manutenção de uma economia de mercado mais livre e com maior preocupação social.

O que está ocorrendo no Leste europeu, com privatizações e bruscas mudanças de regime em países de notável tradição cultural, como Hungria e Polônia, mostra que a evolução para o povo brasileiro não está na contestação pura e simples, na caça às bruxas, como insinuado pelos candidatos extremistas, mas no aperfeiçoamento da democracia de mercado.

O Brasil tem muito a aprender com os portugueses. Lá, logo após a revolução, conta-se que um dos líderes, acreditando em suas convicções, comentou com um importante representante da Suécia: "A nossa revolução está indo bem, mas temos ainda de acabar com muitos ricos", ao que o nórdico respondeu: "Nosso problema é oposto; queremos é ampliar o número dos ricos."

Este é um problema brasileiro: não se deve perseguir os que dispõem de condições de fazer investimentos produtivos, mas incentivá-los a produzir e a gerar riquezas. Portugal estatizou sua economia e, com os esperados resultados decorrentes da má gestão e da burocracia, agora está com um ousado programa de privatizações. No Brasil, o programa de privatização sofreu um forte trauma, com a manutenção da estatização.

Espera-se que essa orientação seja mudada, porque a privatização torna as empresas mais responsáveis. Algumas estatais — e o que é pior, de setores não essenciais — acumulam prejuízos, quando se sabe que o particular luta com mais tenacidade para evitar que isso ocorra. Querer se vender uma empresa com base apenas no patrimônio é algo irreal, pois certas empresas têm prejuízos comparáveis aos seus patrimônios.

É claro que o Brasil hoje está com sérios problemas econômicos e sociais, mas a solução não está na negação de tudo, na adoção de ideologias radicais — que estão fracassando no resto do Mundo. O novo Brasil deve vir de uma economia de mercado com mais competitividade, de um setor estatal mais contido — limitado a áreas estratégicas —, para que possam ser gerados os empregos necessários à evolução sócio-econômico do País.

Mozart Amaral é Presidente da Federação do Comércio Varejista do Estado do Rio de Janeiro.